



EMPREGO E MERCADO DE TRABALHO EM FEIRA DE SANTANA: UMA ANÁLISE NO PERÍODO 2020 A 2022

EMPLOYMENT AND LABOR MARKET IN FEIRA DE SANTANA: AN ANALYSIS IN THE PERIOD 2020 TO 2022

Recebido em 18.08.2023 Aprovado em 20.10.2023

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v11i3.59585>

Cristiane Borges de Jesus

cris-gil@hotmail.com

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas /Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Feira de Santana/Bahia, Brasil

<https://orcid.org/0009-0003-5120-1152>

Leandro Batista Duarte

lbduarte@uefs.br

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas/Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Feira de Santana/Bahia, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4968-5368>

Resumo

Este estudo visa fornecer um conjunto de informações que auxiliem no delineamento do mercado de trabalho baiano. Dessa forma, o objetivo geral foi verificar a evolução do número de empregos formais, com carteira assinada no município de Feira de Santana (BA) para os anos de 2020 a 2022. A fonte básica de pesquisa, que subsidia as análises, é o banco de dados divulgados mensalmente pelo Ministério do Trabalho e do Emprego, através do Novo Caged. Os dados dos últimos anos permitiram verificar uma dinâmica no mercado de trabalho formal, em especial, no período da pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Emprego. Mercado de Trabalho. Feira de Santana.

Abstract

This study aims to provide a set of information that will help in outlining the Bahian labor market. Thus, the general objective was to verify the evolution of the number of formal jobs, with a formal contract in the municipality of Feira de Santana (BA) for the years 2020 to 2022. The basic source of research, which subsidizes the analyses, is the bank data released monthly by the Ministry of Labor and Employment, through Novo Caged. Data from recent years have allowed us to verify a dynamic in the formal labor market, especially in the period of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Employment. Job Market. Feira de Santana.

Introdução

Quando se trata de temas ligados ao desenvolvimento econômico-social, quase não há discordância acerca do protagonismo da variável emprego, tanto como expressão de crescimento e dinamismo de um dado local quanto como condicionante destes. A análise do mercado de trabalho propicia um aparato substancial para investigações ligadas à dinâmica e trajetória evolutiva de uma dada localidade, trazendo à tona fatores tanto de ordem econômica quanto social (OLIVEIRA e FERREIRA, 2021).

A constituição e o fortalecimento de uma economia que crie e mantenha postos de trabalhos é uma das grandes dificuldades enfrentadas por qualquer sociedade (QUEIROZ, 2019). A partir daí, a relação entre indivíduo e sociedade é intrinsecamente articulada, pois o trabalho por ser uma atividade coletiva, não se destina somente em condicionar o desenvolvimento do homem individualmente, mas também tende em abranger o desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido está presente o reflexo na evolução da atividade econômica, tanto em âmbito nacional como regional, inclusive em estados e municípios (DE LIMA *et al.*, 2013).

Na recente história do Brasil, de 2002 a 2014, foi percebido um movimento de considerável crescimento do PIB, a uma taxa de 3,51% ao ano, melhoria das condições de vida da população, isso aliado a uma expressiva geração de postos de trabalho (IBGE, 2018). Em 2015, o cenário favorável começou a mudar, pois o país passou a conviver com uma forte instabilidade política e econômica. O país necessitava de reformas fiscais, previdenciária e política, no entanto, apresentou dificuldades de negociação do congresso. Em consequência da crise, veio o aumento de pessoas desocupadas, que em 2017, chegou a 13,7% de trabalhadores desempregados (QUEIROZ, 2019).

Em 2018, o mercado de trabalho no Brasil estava desenhado da seguinte maneira: uma força de trabalho total de 105,2 milhões de pessoas, um contingente de trabalhadores ocupados de 93 milhões de pessoas. Da população ocupada, 33 milhões são empregadas com carteira de trabalho assinada na iniciativa privada, outros 11,6 milhões estão empregados no setor público e 4,5 milhões são empregadores (IBGE, 2019). A redução do número de pessoas no mercado formal de trabalho, no período de 2015 a 2018, foi verificada em praticamente todos os setores da economia brasileira, exceto na Agroindústria. O número de pessoas com carteira assinada que era de 38,9 milhões, em 2014, caiu para 33 milhões em 2018, o que significa um decréscimo da ordem de 15,4% dos postos de trabalho formais. (IBGE, 2018).

Analisando especificamente o município de Feira de Santana, entre 2009 e 2019, afirma-se que apenas este e mais cinco municípios responderam, em média, por 52% de todo o emprego formal do estado da Bahia. Pelos últimos quatro anos seguidos, Feira de Santana se destacou como o município baiano que registrou o maior quantitativo de estoque de emprego formal (vínculos empregatícios formais ativos), com exceção apenas da capital baiana (OLIVEIRA e FERREIRA, 2021). Feira de Santana é a segunda cidade da Bahia com maior estoque de emprego – com participações relativas entre 4% e 5% no total do estado, entre 2002 e 2019, depois de Salvador, capital baiana, que registrou percentuais entre 32% e 42% nesses anos.

Em 2020, ocorreu uma nova dinâmica no mercado de trabalho brasileiro devido à pandemia do Corona vírus que afetou significativamente o bom desempenho do município de Feira de Santana. Para entender a dinâmica regional do trabalho neste período da pandemia, a presente pesquisa propõe um estudo do mercado de trabalho do município de Feira de Santana, com base na evolução do emprego formal, o qual contempla as relações contratuais de trabalho, regulado por legislação específica e com garantia sociais. Desta forma, ressalta-se que a investigação não contempla o mercado de trabalho informal, aquele em que prevalecem regras de funcionamento sem um mínimo de interferência governamental, ou seja, à margem da legislação trabalhista.

A fonte de pesquisa é o banco de dados do MTE - Ministério do Trabalho e do Emprego, que, através do Novo CAGED - Cadastro Geral de Emprego e Desemprego, cataloga e divulga informações de admissões e desligamentos de trabalhadores nas empresas. Os dados permitem verificar a evolução do mercado de trabalho formal de Feira de Santana em 2020 a 2022, por setor de produção, o que viabiliza a identificação das atividades econômicas que dão o suporte de sustentação do emprego assalariado no município.

Assim, o objetivo geral do trabalho é o de acompanhar a evolução do emprego formal em Feira de Santana, para analisar a distribuição do trabalho por atividade econômica, como um indicador disponível e atualizado, com vistas à leitura da dinâmica da economia local.

O trabalho está dividido em mais quatro seções além desta introdução. A segunda apresenta uma revisão de literatura acerca do emprego formal e do mercado de trabalho antes e durante a pandemia, em seguida, a terceira seção apresenta a metodologia considerada nessa pesquisa. Na quarta seção, são apresentados os resultados e discussão, que, de modo geral, tratam dos dados estatísticos do emprego formal do município. Por fim, a quinta e última seção exhibe as considerações finais.

Problema e sua importância

O Brasil identificou a primeira contaminação pelo novo Corona vírus no final de fevereiro de 2020, enquanto a Europa já registrava centenas de casos de COVID-19. A declaração de transmissão comunitária no país veio em março, mês em que também foi registrada a primeira morte pela doença. Antes mesmo de haver casos da doença no Brasil, em 6 de Fevereiro de 2020, o governo federal sancionou a Lei que trata das normas da quarentena no país e medidas de combate ao Corona vírus. A proposta foi enviada ao Congresso e aprovada na mesma semana como forma de estabelecer regras para o resgate dos brasileiros que estavam em Wuhan - cidade chinesa epicentro da pandemia (MURY, 2021).

A partir daí, vários estados brasileiros tiveram que tomar medidas sem precedentes para combater a propagação da COVID-19 que começou a ser revelada logo após o carnaval de 2020. A falta de cooperação e de coordenação entre os entes federados no combate a pandemia trouxeram efeitos perniciosos na economia e nos mercados de trabalho locais. Isso porque enquanto estados e municípios tomavam medidas para restringirem a mobilidade urbana para reduzir os níveis de contágio e de adoecimento da população que já lotavam os hospitais, o governo federal desestimulava esse tipo de iniciativa ao mesmo tempo em que só muito tardiamente adotou medidas anticíclicas de apoio as empresas e aos trabalhadores que não puderam exercer suas atividades especialmente nos períodos mais agudos da pandemia (MESQUITA, 2021).

A pandemia da Covid-19 é um problema de saúde pública global que imprimiu uma nova dinâmica à economia mundial. A rápida propagação da doença e o uso do distanciamento como forma de prevenção expuseram as desigualdades sociais e urbanas das cidades. No Brasil, como em outros países, o isolamento social promoveu rápidas mudanças no mercado de trabalho (COSTA, 2020).

As medidas de isolamento social, quarentena ou *lockdown* como estratégia para contenção da transmissão viral causaram forte impacto nas empresas e nos empregos formais. Ciclos de demissão em massa só começaram a ser contidos quando algumas medidas anticíclicas começaram a funcionar, dentre elas, o programa de redução de jornadas e salários promovidos pelo governo federal. Mesmo assim, um rastro de falência e de empobrecimento da classe trabalhadora foi produzido e que aos poucos é revelado com a liberação de fontes de dados secundários e da realização de estudos e pesquisas específicas (MESQUITA, 2021).

Neste contexto, é fundamental destacar que o mundo do trabalho sofreu uma gama de transformações de grande profundidade e de maneira célere por todo país. É importante destacar que além da Reforma Trabalhista, iniciada em 2017, a pandemia da Covid-19 contribuiu para a aceleração das principais tendências que vinham modificando o mundo do trabalho no Brasil.

Deste modo, levanta-se o seguinte questionamento: como a pandemia afetou o mercado de trabalho feirense? Ela afetou setores específicos ou efetivamente os seus efeitos foram mais amplos? Foi diante de questões como estas que o presente estudo buscou investigar a dinâmica do mercado de trabalho feirense em meio à pandemia da COVID-19.

É importante indicar que a escolha da referida cidade para a realização desta pesquisa se deu por diversas razões: A primeira, diz respeito ao fato de o município ser uma metrópole regional, que conta com uma população estimada em 624.107 habitantes, (IBGE, 2021); a segunda, por ter números expressivos de pessoas atuando no emprego formal; a terceira, no âmbito da dimensão e importância do tema para a cidade, que se fazem necessários pelas constantes transformações que ocorrem nessa população.

Revisão de Literatura

Esta seção tem como objetivo de além de apresentar o conceito de emprego formal, apresentar as características que envolveram e envolvem o mercado de trabalho nacional, nos períodos que antecederam e sucederam a pandemia do novo Corona vírus, inicialmente no primeiro ano, 2020, e os reflexos gerados no ano de 2021 e 2022, servindo também como introdução para a análise dos resultados do estudo. A temática, em que se produz este presente estudo, está compilada em referências bibliográficas que servem como base teórica. Entre as principais características aqui desenvolvidas estão às desigualdades, as especificidades das ocupações, o desemprego, as questões setoriais e de gênero, como também debates que suscitaram no meio acadêmico que buscam adequações e mudanças no meio econômico.

O mercado de trabalho formal

Segundo o MTE, entende-se por vínculos empregatícios a relação de emprego, estabelecida sempre que ocorre trabalho remunerado. Já o número de postos formais de trabalho (PFT) em determinado período de referência corresponde ao total de vínculos empregatícios efetivados, diferindo do número de pessoas empregadas, uma vez que estas podem estar acumulando na data de referência mais de um emprego (PILLATTI, 2004).

Sendo assim, o mercado formal de trabalho é o exercício em atividade econômica com ocupação remunerada ou não remunerada que está regulamentada segundo uma legislação (trabalhadores privados) ou segundo um estatuto (trabalhadores de instituições públicas) regido pelas regras da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

De outro modo, o trabalho formal é, no Brasil, qualquer ocupação trabalhista, manual ou intelectual, com benefícios e Carteira de trabalho assinada. Consiste em trabalho fornecido por uma empresa, com todos os Direitos trabalhistas garantidos. O papel ocupado ou a função que a pessoa desempenha como um dos empregados de uma empresa, por exemplo, essa remuneração pode ser chamada de salário ou de vencimentos, sendo esta muito utilizada para se referir aos rendimentos dos que trabalham em órgãos do governo.

Os trabalhadores que têm registro em carteira e seus direitos trabalhistas garantidos, recolhendo uma taxa para a aposentadoria - contribuição ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), ou as pessoas que, mesmo trabalhando por conta própria (sem que estejam empregadas em empresas ou órgãos do governo), recolhem determinadas taxas, desenvolvem atividades que são chamadas de formais, ou seja, estão de acordo com uma série de leis que se referem ao trabalho e às atividades econômicas.

O mercado de trabalho antes, durante e pós-pandemia

O período pré-pandêmico pode ser contrastado de diferentes formas, a ascensão nos anos de 2012 e 2013, no quesito do baixo desemprego, ao intervalo de alta desconfiança e desemprego, 2015 a 2017, e ao período de estagnação e leve oscilação altista nos meados de 2018 até o começo da pandemia (BARBOSA, 2021).

Conforme Mattei e Heinen (2020) que apresenta uma visualização de como se encontrava a situação de desemprego brasileiro nos últimos 10 anos, os autores mostram em seu trabalho o baixo nível de desemprego alcançado no final de 2013, a taxa de desocupação que se encontrava em pouco menos de 7%, contrastando, com a taxa apresentada no final de 2017, que consistia em 13% de desocupados. Tal aumento na taxa observada tem sua origem no ano de 2015 e manteve um viés de aumento até os dias antes da pandemia.

Ainda Mattei e Heinen (2020) aduzem a respeito das concentrações de ocupações afirmando que neste período anterior a pandemia, o setor de serviços acumulou bastante desemprego formal, mas também gerou muitos empregos no país desde 2018, sendo o comércio responsável pelo maior número de contratações, novamente o âmbito mais afetado pela pandemia do novo Corona vírus, ainda mais naquelas modalidades que não há possibilidade de trabalho remoto ou virtual. Logo, conclui-se que a situação mercadológica brasileira vinha apresentando um viés de vulnerabilidade e desemprego há alguns anos e tais questões específicas ao mercado nacional foram apenas elucidadas pela pandemia da COVID-19 (BARBOSA, 2021).

Amorim (2020) também abordou informações para o período 2015-2019 apresentando outros fatores que afetaram o mercado de trabalho como a introdução tecnológica que se fez fortemente presente demandando o atual mercado a se qualificar, o que gerou certo impasse na mão de obra assim como mudanças de áreas profissionais, pois o principal fator de contração, nestas organizações que utilizam plataformas digitais, por exemplo, foram a qualificação com base no uso da tecnologia em detrimento dos diplomas. Outra situação

abordada pelo autor se concentrou na reforma da previdência de 2017, que em resumo representou a flexibilização dos contratos trabalhistas, permitindo vários novos tipos de associação laboral, como também, a informalidade.

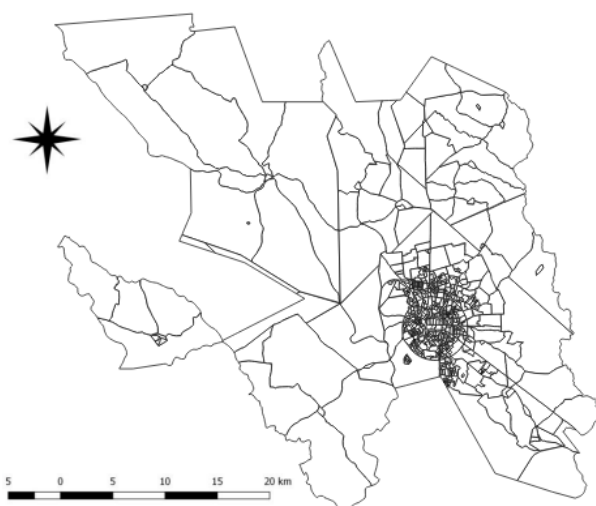
Em 2020, a crise sanitária se alastrou pelo mundo e teve seu princípio na cidade de Wuhan, na província de Hubei, no centro da China ainda no último trimestre de 2019 (FERREIRA JUNIOR e SANTA RITA, 2020). O vírus, SARS-Cov-2 que se popularizou como Covid-19, ascendeu de forma rápida e atingiu todos os continentes ainda no primeiro quadrimestre de 2020. Devido ao fácil contágio e problemas graves gerados em pessoas com comorbidades, mais precisamente no dia 11 de março a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou-a como pandemia (DA SILVA, 2020). O mercado de trabalho mundial, tal qual o brasileiro, experimentou de imediato as mazelas econômicas e sociais. Das transformações sofridas restaram as precárias adequações a fim da garantia da sobrevivência. (BARBOSA, 2021).

Amorim (2020) argumentou que nenhuma instituição estava preparada para o que estava por vir, com o mercado de trabalho não foi diferente. Deflagrada a pandemia do novo Corona vírus, a problemática deste mercado se intensificou, devido à paralização das atividades de alguns setores, a adoção do *home office*, redução de jornadas, trabalho remoto, dentre outras possibilidades de adequação à situação de distanciamento social e *lockdown*. Dentre tais setores afetados, Amorim (2020) destacou o setor de serviços, o qual é responsável pela maior taxa de ocupação do país, e onde também se concentram as camadas mais baixas do mercado de trabalho, as quais não fora possível adotar trabalho em domicílio, por questões de função e pela não adequação às questões tecnológicas, estando à mercê de maiores riscos à saúde.

Procedimentos metodológicos

Feira de Santana é um município brasileiro no interior da Bahia, Região Nordeste do país. É a cidade-sede da Região Metropolitana de Feira de Santana e da Região Imediata de Feira de Santana, que é formada por 33 cidades. Está localizada no centro-norte baiano, a 108 quilômetros da capital do estado Salvador, com a qual se liga através da BR-324 (Figura 1). *Feira*, como comumente é apelidada, é a segunda cidade mais populosa do estado e primeira cidade do interior nordestino em população, ou seja, é a maior cidade do interior das regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sul do Brasil, e é também a sexta maior cidade do interior do país com 1.304,425km², e com uma população estimada de 624.107 pessoas, maior que oito capitais estaduais (IBGE, 2021).

Figura 1- Mapa de Feira de Santana (BA).



Fonte: Elaboração própria com base em IBGE, 2010.

Feira de Santana tendo o 69º maior produto interno bruto (PIB) municipal da nação, o terceiro maior na Bahia e o maior do interior do Nordeste, com R\$ 19.172,47 bilhões de reais em 2021, é um importante centro industrial e comercial do Brasil, com um grande poder de compra e um forte comércio. Feira de Santana exerce um alto

nível de influência econômica, comercial e política na Bahia e na região Nordeste brasileira, sendo o único município do interior do Nordeste com PIB acima de 10 bilhões (IBGE, 2021).

O município é o segundo maior centro urbano da Bahia, o maior do interior do Norte-Nordeste e um dos mais importantes do país. Feira de Santana como cidade grande de nível médio metropolitana, assim definida pelo IBGE, durante boa parte de sua história, atuava como parte de um sistema urbano primaz, dependente de Salvador, a partir da segunda metade do século XX a cidade passou a ser um polo de atividades econômicas e sociais, passando a exercer influência sobre centenas de municípios da região.

Em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa apresenta característica de estudo qualitativo, considerando-se as informações obtidas por meio de registros coletados, informações estas que contribuirão para identificar a caracterização socioeconômica da cidade (GIL, 1991). É também um estudo descritivo, uma vez que, mediante as informações obtidas, poderá fazer uma descrição mais detalhada sobre os principais resultados do mercado de trabalho que se fazem presentes no contexto da cidade de Feira de Santana.

A pesquisa constitui documento fruto do Programa de Extensão “Conhecendo a Economia Feirense: Custo da Cesta Básica e seus Indicadores Socioeconômicos”, desenvolvido pelo curso de Economia da Universidade Estadual de Feira de Santana. O programa tem como objetivo geral levantar e divulgar um conjunto de informações socioeconômicas sobre a economia feirense com foco na coleta, sistematização e divulgação do Custo da Cesta Básica em Feira de Santana. Além do custo da cesta básica, o programa também coleta e divulga indicadores de emprego formal e preços dos principais combustíveis consumidos no município.

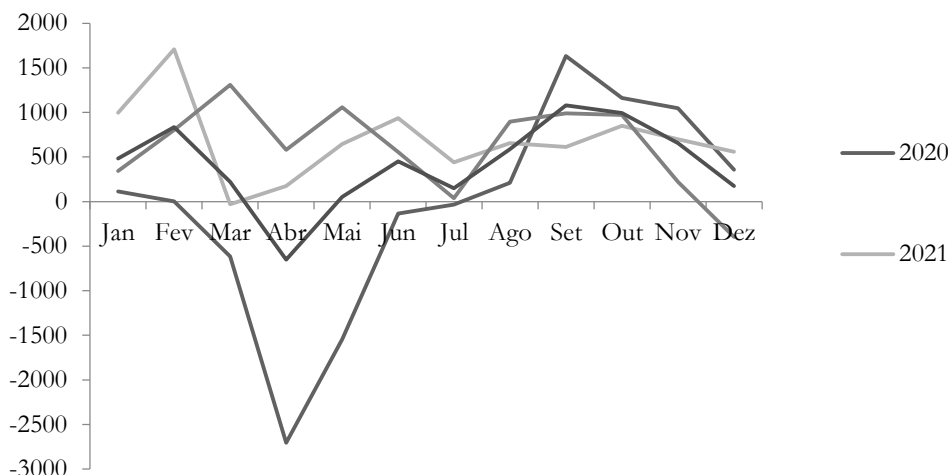
Para este estudo são utilizados os dados divulgados pelo Novo CAGED/MTE para o município de Feira de Santana, a partir do ano de 2020. Este ano foi escolhido devido a ser o ano em que iniciou a divulgação dos dados por este novo sistema e por ser o ano de início da pandemia da COVID-19. O Ministério do Trabalho e Emprego disponibiliza informações dos empregos formais de forma desagregada, segundo a classificação dos setores econômicos pelo IBGE, que são disponibilizados mensalmente. Os setores econômicos apresentados na divulgação são divididos em Indústria, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária. Assim, as análises se baseiam na evolução dos dados divulgados, com essência no número de admissões e desligamentos, que, baseados nos estoques anteriores, indicam os fluxos mensais de movimentação do emprego formal por atividade econômica No município de forma absoluta e relativa.

Apresentação e análise dos resultados

Para além deste balanço geral, fortemente veiculado na mídia e em informes governamentais, há que se chamar atenção para alguns aspectos quando se analisa mais detalhadamente estes resultados. O primeiro é que diante de um contexto econômico e sanitário tão restritivo não se pode desconsiderar a importância do mercado de trabalho municipal ter dito resultados positivos no segundo semestre do ano de 2020.

Mas, em que pese à importância desse balanço favorável no segmento mais formalizado do mercado de trabalho em Feira de Santana, um segundo aspecto se destaca quando se analisa mais pormenorizadamente a conformação desse resultado através dos registros das admissões e demissões que ocorreram no município ao longo do ano de 2020. A Figura 2 aponta que a histórica rotatividade do mercado de trabalho nacional acabou se adaptando aos períodos de maior isolamento social que no município perdurou especialmente entre os meses de abril, maio e junho de 2020, afora as restrições que vários segmentos econômicos ainda enfrentaram desde o mês de março.

Figura 2 – Evolução do saldo de empregos formais em Feira de Santana, 2020-2022.



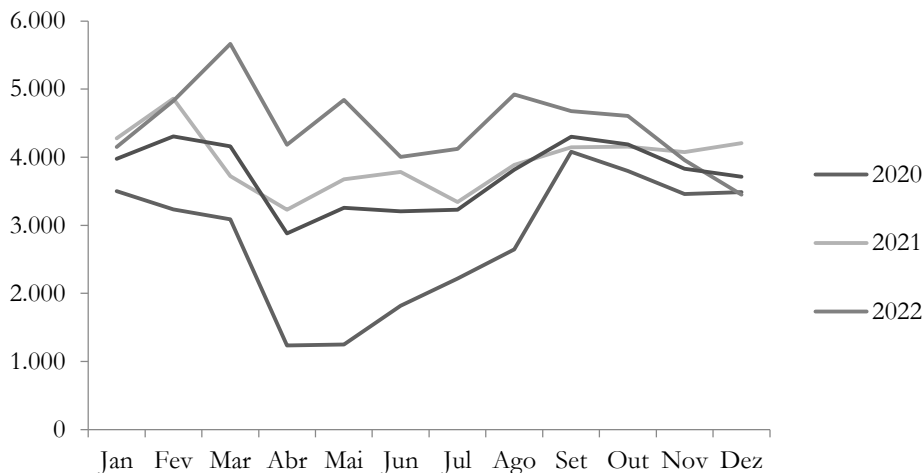
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MTE/Novo Caged.

Devido ao *lockdown* algumas empresas reduziram o quadro de funcionários, e algumas atividades foram interrompidas por período indeterminado, devido às medidas de restrições da pandemia e as condições de adaptação à nova condição social, econômica que se inseria no início da pandemia. Foi necessário se adaptar ao novo, um cenário mundial, onde as cidades tinham que criar mecanismos de proteção, ação de defesa, a fim de criar um ambiente seguro para lidar com a Covid-19.

Olhando a dinâmica do mercado de trabalho sob a ótica das contratações é possível perceber que o maior impacto foi sentido no período em que o isolamento social foi mais rígido (*lockdown*) e ao passo que iniciativas foram sendo relaxadas houve uma retomada das contratações se comparada, mês a mês, ao volume médio de admissões da série histórica tomada para avaliação (entre 2020 e 2022). Destaca-se, também, a correlação positiva ao período em que o abrandamento das medidas foi realizado ao ser o segundo semestre de cada ano a temporada em que a economia historicamente deu sinais de maior dinamicidade.

Embora alguns meses tenham demonstrado indicativos de recuperação do mercado de trabalho em Feira de Santana, é importante salientar que devido a crise da pandemia da Covid-19, aproximadamente 4 mil novos postos de trabalho precisaram ser recriados, para equiparar ao número de vínculos, semelhantes ou idênticos aos existentes em períodos anteriores à pandemia. Em um cenário referente ao ano de 2020, as expectativas para uma recuperação do mercado de trabalho, da economia Feirense, dependiam ao máximo do controle completo da pandemia, de políticas de auxílio e fortalecimento de empresas e famílias e da estabilidade macroeconômica (Figura 3).

Figura 3 - Número de admissões do emprego formal, segundo períodos selecionados – Feira de Santana - 2020 a 2022.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MTE/Novo Caged.

Concomitante à reanimação sazonal da economia, cabe também destacar a própria demanda reprimida do mercado consumidor que passou um período em confinamento e as medidas anticíclicas que foram adotadas como forma de mitigar os impactos da crise, tal como o auxílio emergencial que propiciou uma renda mínima aos desempregados e aos trabalhadores informais.

Uma das notícias mais celebradas no início de 2021 foi à geração de empregos formais em Feira de Santana, mesmo no contexto em que muitas cidades e estados praticamente pararam como forma de conterem a crise sanitária da Covid-19. O número de contratações com carteira assinada superou o de demissões.

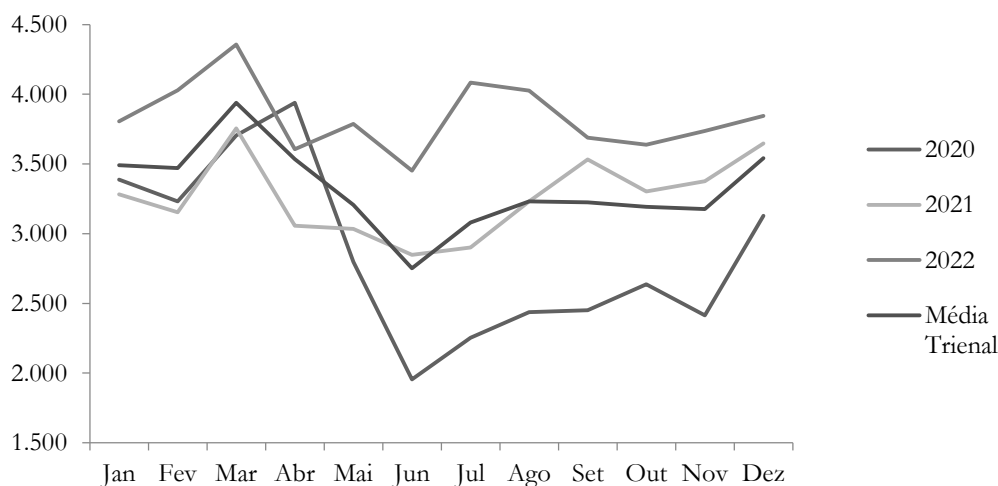
O resultado da recuperação anual de 2021 foi influenciado por algumas medidas como a criação do Programa Emergencial de Manutenção de Emprego e Renda e o avanço da vacinação, fatores que propiciaram bastante à recuperação do mercado de trabalho e a economia feirense. É importante ressaltar que os resultados positivos do primeiro trimestre de 2021, reflete também o crescimento de pequenos negócios e microempresas que passaram a demandar e ofertar mais postos de empregos, novas contratações formais mesmo em período de restrições pela pandemia do Covid-19.

Assim, nota-se nas figuras apresentadas que, menos nos períodos onde o isolamento social acabou sendo mais rígido, o volume de contratações e de demissões não foi tão destoante da média dos 3 últimos anos das movimentações do emprego formal quando analisado cada mês de declaração do CAGED, especialmente em termos de tendência.

É importante registrar a mudança de patamar do volume de admissões que ocorreu a cada final de ano em Feira de Santana, especialmente em 2022. Como está apresentado na Figura 3, o volume de admissões declina drasticamente nos meses de outubro, novembro e dezembro, levando em consideração o volume médio de admissões dos últimos três anos.

Aliás, se observado o mercado de trabalho do ponto de vista dos desligamentos, uma importante guinada teve lugar no ano de 2020 e que acabou na verdade assegurando o balanço mais positivo do saldo do emprego em Feira de Santana, dado que o município registrou o menor volume de demissões pelo menos dos últimos anos (Figura 4).

Figura 4 - Número de desligamentos do emprego formal, segundo períodos selecionados – Feira de Santana - 2020 a 2022.



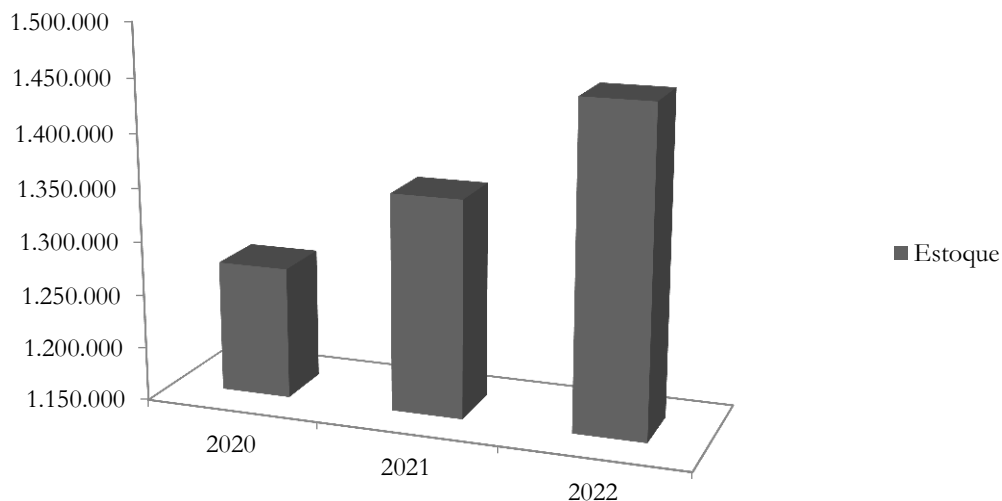
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MTE/Novo Caged.

Em 2022, com a flexibilização das medidas de restrição contra a Covid-19, foram criados novos postos de empregos, ocorrendo aumento substancial do emprego celetista. Foram implantadas medidas econômicas para fortalecer as empresas e criação de programas sociais de renda familiar. De acordo com as informações do Novo CAGED, o saldo de emprego formal em Feira de Santana obteve resultado positivo para o período de 2022, em linha com o movimento observado nacionalmente. O total de trabalhadores admitidos superou o de desligados em meses consecutivo durante o ano (Figura 5).

A intensidade da retração e seu efeito perverso no mercado de trabalho poderiam ter sido ainda pior se as medidas de contenção não tivessem sido adotadas, dentre elas, o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda que permitiu a redução da carga horária e salários dos trabalhadores com algum nível de

compensação financeira com recursos da União. Não se pode dizer que o programa possa ter sido a melhor opção, dado o registro de reclamações trabalhistas que chegaram aos tribunais, porém não se pode negar que a medida acabou amenizando o volume de demissões que poderia ter ocorrido devido à própria dinâmica da economia e, especialmente do mercado de trabalho.

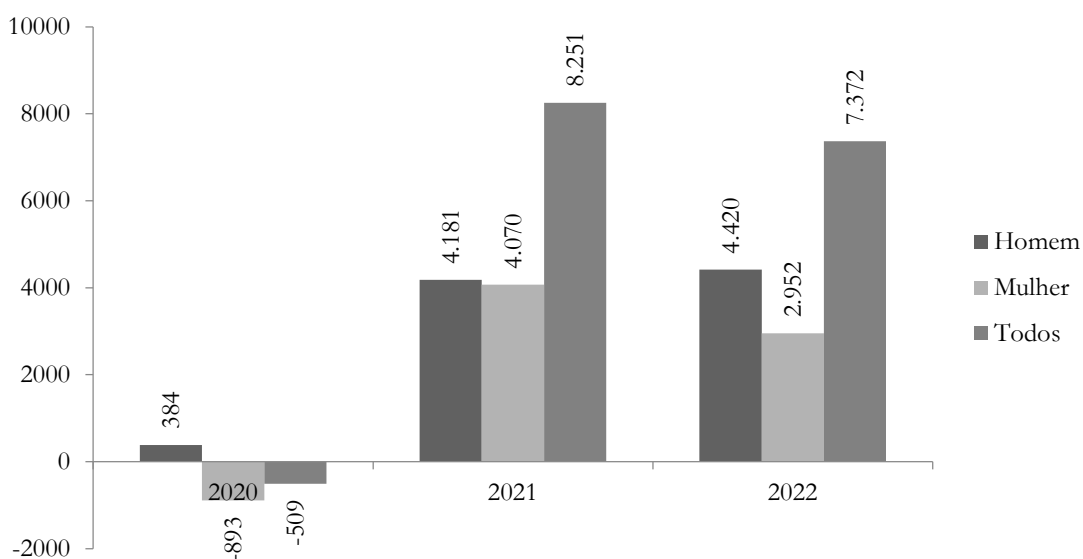
Figura 5 – Evolução do Estoque de emprego formal em Feira de Santana – 2020 a 2022.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MTE/Novo Caged.

Levando em consideração a análise por gênero, observa-se que o sexo feminino foram os que mais perderam oportunidades de trabalho formal em Feira de Santana. A cidade tem um comércio fortificado e a maioria das vagas perdidas ou altos índices de desligamento foram no setor comercial e de serviços, onde a maioria dos trabalhadores é do sexo feminino. Em 2021 o saldo de emprego se manteve estável entre os gêneros, sem muita diferenciação, sendo a criação de novos postos de empregos compatíveis entres homens e mulheres. No período do ano de 2022, as opções de trabalhos celetistas foram mais para indivíduos do sexo masculino, com redução para as mulheres, períodos de mudanças estruturais em políticas pública e sociais ajudaram a determinar essa diferença em 2022, com grande impacto no comércio e serviços, sendo os setores onde ocorreram os maiores números em desligamentos e perda de opção para indivíduos do sexo feminino (Figura 6).

Figura 6 – Saldo de emprego formal por gênero em Feira de Santana, 2020-2022.

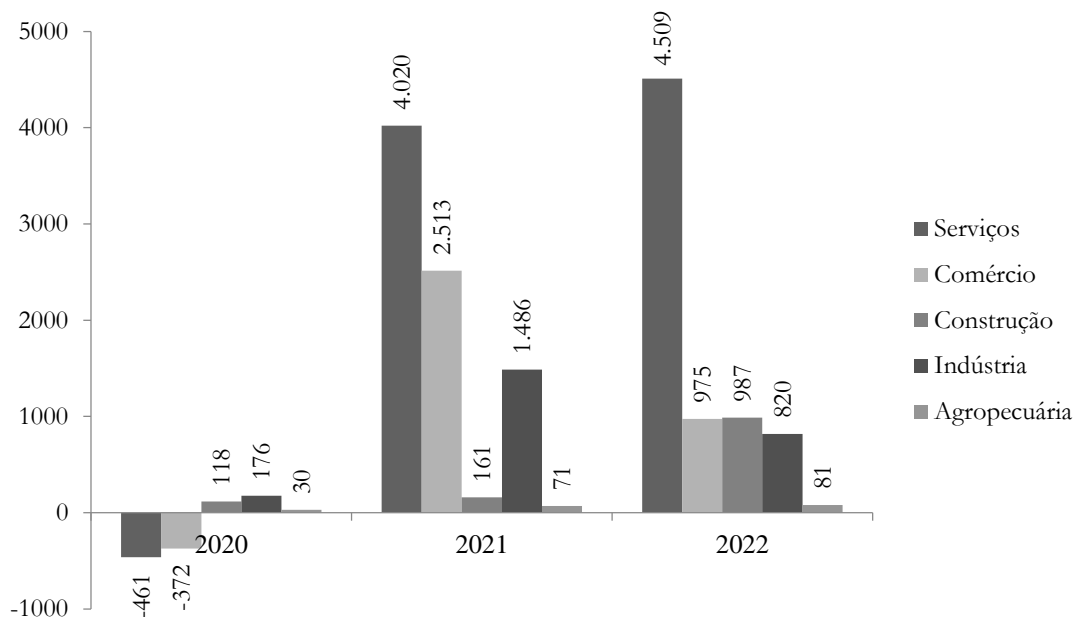


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MTE/Novo Caged.

Considerando a mesma análise anteriormente e agora, por grandes setores econômicos, percebem-se quais sofreram e cresceram mais durante o período de 2020 a 2022. Desse modo, conforme revelam os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), a baixa de emprego que foi fortemente sentida no início da propagação da pandemia foi paulatinamente se dissipando mês a mês com a reabertura das atividades econômicas. No caso do setor de serviços, por exemplo, é o que mais emprega no município de Feira de Santana, sendo assim no ano de 2020, no período mais crítico da pandemia foi o que teve o menor saldo de emprego, seguido pelo comércio que sofreu grande impacto com o *lockdown*, setores que fecharam o período com resultado negativo em diminuição de postos, contribuindo assim em grande escala para o número de desligamentos no mesmo ano (Figura 7).

Especificamente em relação aos Serviços e sua recuperação após a grande remessa de demissões, pode-se perguntar quais segmentos puxaram esse comportamento, dado que o setor é bastante heterogêneo? Os ramos de atividade que mais geraram empregos no setor foram aqueles especialmente ligados aos trabalhadores de serviços administrativos, ou seja, escriturários ou trabalhadores de atendimento ao público. Nessa direção, é possível entender que boa parcela das vagas geradas estava em grande medida associadas à demanda do trabalho que despontou frente às medidas de isolamento social e acelerou os serviços ligados a arquivamento digital, assinatura eletrônica e *marketing* digital.

Figura 7 – Saldo do emprego formal por setores de atividade econômica em Feira de Santana, 2020-2022.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MTE/Novo Caged.

Seguindo a tendência do setor de Serviços, o Comércio também demonstrou uma capacidade de retomada das contratações após o abrandamento das medidas de isolamento social, ainda que num patamar muito similar ao volume médio de contratações praticadas pelo setor. Alguns segmentos do setor funcionaram livremente durante o período de maior isolamento social, por serem considerados atividades essenciais como, por exemplo, supermercados e farmácias. Outros sentiram mais duramente as restrições de fechamento dos estabelecimentos durante os períodos mais agudos da pandemia devido a queda da demanda. Esta redução pode ter ocorrido no contexto em que a mobilidade urbana foi mais restrita e diminuiu a real necessidade do quadro de pessoal em vários segmentos econômicos e isto sem ter que mencionar o relevo de outros fatores relevantes, tais como a queda da renda (desemprego ou corte de salários) e o endividamento das famílias.

Por outro lado, outros segmentos ligados aos serviços foram duramente penalizados na pandemia e promoveram dispensa de trabalhadores. É o caso dos trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados. Concorre para isso, a mudança de hábito dos consumidores e a série de restrições que estes estabelecimentos ainda enfrentam em termos de horário e capacidade de atendimento por conta das medidas de combate a crise sanitária.

Em relação ao setor da Construção, percebe-se que o setor se manteve com saldo positivo de emprego mesmo com a pandemia. Se observado os diferentes segmentos que compõe o setor, a alta do emprego foi especialmente puxada pelos trabalhadores da indústria Extrativa e da Construção, especificamente, os ajudantes de obras e trabalhadores da construção civil e de obras públicas. Já outros ramos econômicos ligados a construção promoveram um enxugamento do quadro de pessoal, tal como as empresas ligadas à trabalhadores da fabricação e instalação eletroeletrônicas.

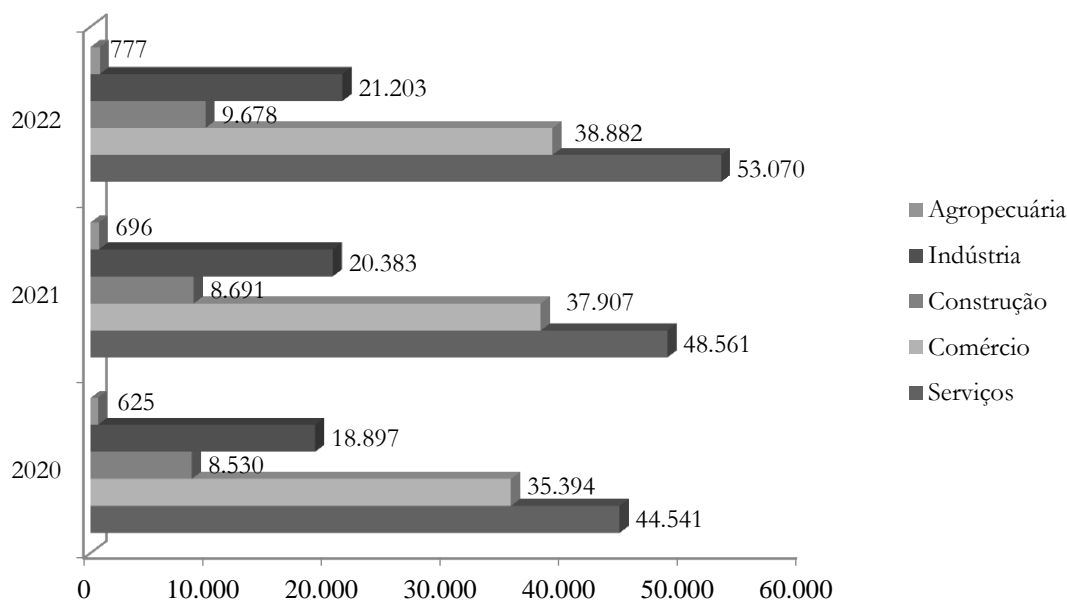
Já o setor da indústria que, embora tenha sentido também o baque do período mais inicial da pandemia e das medidas de isolamento social como os demais setores, acabou tendo uma recuperação do volume de contratações até mesmo acima do que habitualmente praticaria principalmente no ramo de Trabalhadores de funções transversais como embaladores e alimentadores de produção. Este resultado foi o suficiente para se manter com saldo positivo. Por certo, alguns segmentos industriais acabaram contratando mais trabalhadores para dar conta do desabastecimento de muitos produtos tanto no mercado consumidor interno quanto externo.

Por fim, cabe mencionar que a agropecuária também fechou o ano de 2020 com um maior número de trabalhadores contratados do que demitidos, fato este alcançado especialmente pela abertura de novos postos de trabalho nos estabelecimentos ligados a agricultura, pecuária e serviços relacionados.

No ano de 2021, houve recuperação progressiva das duas maiores fontes de empregos formais em Feira de Santana, serviços e comércio, sendo que a indústria também apresentou uma boa recuperação de seus postos. As medidas de auxílio financeiro do governo propiciaram uma melhora na economia, e demanda maior por vários serviços, bem como a flexibilidade de algumas medidas de prevenção, possibilitaram o aumento da demanda por serviços, aumento de circulação no comércio e necessidade de produtos industriais, onde a criação de novas vagas foram necessárias devido ao aumento da demanda antes totalmente retraída pela pandemia.

Em 2022, o comércio e a indústria voltaram a ter cenário com queda no saldo de emprego formal, mesmo em período de pós-pandemia. Contudo, o setor de serviços continuou demandando mais postos de empregos formais, e foram criadas novas oportunidades, assim como o setor de construção voltou a crescer, aumentando assim seus estoques de empregos formais no município. Observe que, mesmo com os saldos de empregos oscilando nestes períodos, os estoques de todos os grandes setores aumentaram durante o ano de 2020 a 2022. Este resultado é de suma importância para o mercado de trabalho do município de Feira de Santana (Figura 8).

Figura 8 – Estoques do emprego formal por setores de atividade econômica em Feira de Santana, 2020 a 2022.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do MTE/Novo Caged.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar o mercado de trabalho no município de Feira de Santana no período de 2020 a 2022, utilizando dados do Novo Caged. Analisando os resultados encontrados, percebe-se a importância que esses achados têm para a reflexão sobre os impactos da pandemia sobre o mercado de trabalho em Feira de Santana.

Em relação à análise por grandes setores, o objetivo foi compreender as similitudes e diferenças do impacto da crise sanitária nos setores econômicos. Levando-se em conta que, de um lado, as medidas de isolamento social tiveram forte impacto na dinâmica do emprego; mas que, de outro, o cômputo geral da balança do emprego acabou tendo um saldo positivo nos empregos no ano de 2020. Então a análise buscou compreender qual terá sido o impacto efetivo da pandemia no mercado de trabalho em Feira de Santana.

Esta análise sobre o mercado de trabalho sugere afirmar que após o baque inicial dos períodos de confinamento onde o volume de contratações caiu drasticamente nos mais diferentes setores da economia, houve um lento processo de recuperação das admissões que veio acompanhado não apenas da reabertura em si da economia, mas da sazonalidade do mercado e das medidas anticíclicas que foram tomadas como forma de mitigar os impactos da crise na economia.

De todo modo, há muito caminho a trilhar em direção a recomposição do mercado de trabalho em Feira de Santana, dado o próprio volume de trabalhadores que provavelmente estão desempregados, subocupados ou desalentados. O ajuste praticado pelas empresas parece que rapidamente se moldou as necessidades de mão de obra que efetivamente precisavam, pois, apesar do cenário restritivo que fora criado pela pandemia, não se pode desprezar que as medidas anticíclicas que foram tomadas, como o caso do Auxílio Emergencial, a sazonalidade do período de reabertura da economia e o período eleitoral acabaram corroborando para amenizar os impactos econômicos causados pela pandemia.

Além disto, as evidências reunidas até aqui tornam ainda mais atraente o caminho de avaliação do impacto da crise sanitária no mercado de trabalho em Feira de Santana. Tanto é assim que, na dinâmica geral da movimentação do emprego formal, nota-se que a menor necessidade de reposição da força de trabalho acabou reduzindo os ciclos de demissões para além daquelas que foram colocadas a cabo no início da pandemia, o que favoreceu a composição de um saldo de emprego mais favorável do que qualquer estratégia que tenha sido adotada em termos de políticas de emprego em geral para além da intermediação pública de mão de obra existente.

Referências

- Amorim, W. A. C. (2020). Mercado de Trabalho no Brasil: Antes, Durante... e Depois?. *Mercado de Trabalho: Recuperação Atropelada pelo Combate ao Coronavírus*, 7.
- Barbosa, N. W. T. (2021). Reflexos da Pandemia sobre o Mercado de Trabalho: Uma Análise Econométrica. Monografia Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/administracao-financas/reflexos-da-pandemia-sobre-o-mercado-de-trabalho-uma-analise-econometrica.htm>>. Acesso em: Jan, 2023.
- Brasil. Ministério do Trabalho. Novo Caged. Disponível em:< <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged>>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- Costa, S. D. S. (2020). Pandemia e desemprego no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 54, 969-978.
- Da Silva, V. M. (2020). Mercado de Trabalho: Recuperação Atropelada pelo Combate ao Coronavírus Informações Fipe/USP. São Paulo, p. 3-6, abr./2020.
- De Lima, G. G., Lucca, E. J., Trennepohl, D., Pacheco, J. R., & Kohler, R. (2013). Análise da evolução do emprego formal do município de Ijuí. *Salão do Conhecimento*.
- Gil, A. C. (1991). Como elaborar projetos de pesquisa (Atlas, Eds.). *São Paulo*.

- Ferreira Junior, R. R., & Santa Rita, L. P. (2020). Impactos da Covid-19 na Economia: limites, desafios e políticas. *Cadernos de Prospecção*, 13(2), 459-459.
- Ibge - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Malha Municipal. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html>. Acesso em: Jan, 2023.
- Ibge - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). Dados do município de Feira de Santana. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/feira-de-santana.html>. Acesso em: Jan, 2023.
- Ibge - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.(2018). Série Estatísticas Sociais. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> . Acesso em: Jan. 2023.
- Ibge - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.(2019). Série Estatísticas Sociais. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> . Acesso em: Jan. 2023.
- Mattei, L., & Heinen, V. L. (2020). Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. *Brazilian Journal of Political Economy*, 40, 647-668.
- Mesquita. E. C. (2021). Os impactos da pandemia no mercado de trabalho. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho.
- MURY, L. G. M. (2021). Os efeitos da pandemia na atividade econômica dos municípios gaúchos. *Encontro Brasileiro de Administração Pública*.
- Oliveira, A. S; Ferreira, E. W. (2021). Volume 4 – Emprego e Mercado de Trabalho em Feira de Santana e Municípios Selecionados da Bahia: Camaçari, Salvador e Vitória da Conquista. In: FERREIRA, Ester W. (org.). Estudo Socioeconômico do Município de Feira de Santana e Municípios Selecionados no Estado da Bahia: Camaçari, Salvador e Vitória da Conquista. Uberlândia-MG: Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-sociais (CEPES) /Instituto de Economia e Relações Internacionais (IERI)/Universidade Federal de Uberlândia (UFU), dezembro 2021. 129 p.
- Pillatti, C. T. (2004). O mercado formal de trabalho catarinense frente às mudanças na economia e no mercado de trabalho brasileiro na década de 1990.
- Queiroz, F. A. D. (2019). A dinâmica do trabalho numa metrópole regional nordestina: uma análise da natureza do trabalho dos comerciantes de rua em Feira de Santana-Ba.